

A METALINGUAGEM DO ENSINO DE TRADUÇÃO

Le métalangage de l'enseignement de la traduction

DOI: 10.14393/LL63-v42-2026-31

Jean Delisle^{1*}

Tradução de Daniel Padilha Pacheco da Costa^{2**}

Tradução e Revisão Técnica de Marileide Dias Esqueda^{3**}

RÉSUMÉ: Pour être vraiment efficace, l'enseignement pratique de la traduction, didactique ou professionnelle, doit chercher à transmettre un savoir organisé et pensé en s'efforçant de développer l'aptitude à traduire de façon raisonnée. Apprendre à traduire au niveau universitaire, c'est, entre autres choses, apprendre à réfléchir sur des textes, à en faire une analyse rigoureuse afin de déceler les multiples embûches qu'ils cachent et à interpréter correctement le sens dont ces textes sont porteurs; c'est en core apprendre à dissocier les langues à tous les paliers du maniement du langage et à mettre en œuvre des stratégies opératoires de transfert interlinguistique; c'est enfin apprendre à exploiter au maximum les ressources de la langue d'arrivée et à maîtriser les techniques de rédaction, car dans tout traducteur il y a un rédacteur.

MOTS CLÉS: Didactique de la traduction. L'enseignement pratique de la traduction. Le métalangage de l'enseignement de la traduction.

RESUMO: Para ser verdadeiramente eficaz, o ensino prático da tradução, seja ela didática ou profissional, deve buscar transmitir um saber organizado e refletido, esforçando-se para desenvolver a competência tradutória de modo consciente. Aprender a traduzir em nível universitário é, entre outras coisas, aprender a refletir sobre os textos, a fazer uma análise rigorosa para encontrar as múltiplas dificuldades que eles escondem e a interpretar corretamente o sentido de que são portadores; é, ainda, aprender a dissociar as línguas em todos os níveis do manejo linguístico e a aplicar estratégias operatórias de transferência interlinguística; é, enfim, aprender a explorar ao máximo os recursos da língua de chegada e a dominar as técnicas de redação, pois em todo tradutor há um redator.

PALAVRAS-CHAVE: Didática da tradução. Ensino prática da tradução. A metalinguagem do ensino da tradução.

^{1*} Jean Delisle. ORCID: [0000-0002-1797-0885](https://orcid.org/0000-0002-1797-0885). E-mail: idelisle22@videotron.ca

^{2**} Daniel Padilha Pacheco da Costa. ORCID: [0000-0003-4947-1295](https://orcid.org/0000-0003-4947-1295). E-mail: daniel.padilha.costa@usp.br

^{3***} Marileide Dias Esqueda. ORCID: [0000-0002-6941-7926](https://orcid.org/0000-0002-6941-7926). E-mail: marileide.esqueda@ufu.br

A METALINGUAGEM DO ENSINO DE TRADUÇÃO⁴

Introdução

Para ser verdadeiramente eficaz, o ensino prático da tradução, seja ela didática ou profissional, deve buscar transmitir um saber organizado e refletido, esforçando-se para desenvolver a competência tradutória de modo consciente. Aprender a traduzir em nível universitário é, entre outras coisas, aprender a refletir sobre os textos, a fazer uma análise rigorosa para encontrar as múltiplas dificuldades que eles escondem e a interpretar corretamente o sentido de que são portadores; é, ainda, aprender a dissociar as línguas em todos os níveis do manejo linguístico e a aplicar estratégias operatórias de transferência interlinguística; é, enfim, aprender a explorar ao máximo os recursos da língua de chegada e a dominar as técnicas de redação, pois em todo tradutor há um redator.

A sala de aula possui exigências que o tradutor profissional ignora no exercício cotidiano do seu ofício. Não cabe ao médico desmontar, para fins didáticos, a “mecânica” da operação que realiza com maior ou menor talento e facilidade. O professor de tradução, por sua vez, tem a tarefa de guiar a reflexão dos estudantes, voltando-a para a reformulação de um texto em outra língua. Essa reflexão não poderia ser feita de modo eficaz, ao que tudo indica, sem um arcabouço conceitual e sem um arsenal de termos técnicos que permitissem designar os fatos linguísticos, o processo cognitivo da tradução, os procedimentos de transferência de uma língua para outra e o resultado da operação. Parece-me que dispor de uma metalinguagem precisa é uma condição *sine qua non* para ensinar convenientemente a tradução na universidade e para dar conta do caráter específico dessa atividade complexa.

Persuadido de que essa exigência era unanimemente admitida, quis, no entanto, saber o que ocorria factualmente. Procurei descobrir qual discurso era produzido no ensino prático da tradução nas salas de aula e qual terminologia era utilizada pelo professor para analisar e descrever os fenômenos tradutórios. A terminologia que ele emprega não é alheia à sua concepção de tradução e pode até determinar a sua maneira de ensinar. É o mesmo exercício traduzir para aprender línguas e traduzir para se tornar tradutor profissional? Repete-se, com frequência, que essas duas formações são distintas e não possuem a mesma finalidade. Então, elas são comandadas por uma metalinguagem diferente?

Para tentar responder a essas questões, estudei exaustivamente todos os manuais de ensino da tradução didática e profissional publicados na Grã-Bretanha, no Canadá e na França desde os anos 1950. Por que esses três países? Porque o meu estudo se limita ao ensino da

⁴ Este texto, “Le métalangage de l’enseignement de la traduction”, é uma versão modificada de um capítulo que, intitulado “Le métalangage de l’enseignement de la traduction d’après les manuels”, foi publicado no livro *Enseignement de la traduction et traduction dans l’enseignement* (1998), organizado por Jean Delisle e Hannelore Lee-Jahnke.

tradução no par linguístico inglês e francês e porque, nesses três países, publica-se o maior número de manuais para esse par linguístico. O meu *corpus* é constituído de 88 manuais, dos quais 16 contêm um glossário. Não é inverossímil supor que a metalinguagem contida em um manual de tradução seja, ao menos em parte, utilizada pelos seus usuários (o seu próprio autor, os professores que o adotaram e os estudantes). As razões pelas quais os autores incluem um glossário em seus manuais de tradução são numerosas e significativas, como veremos. A análise dos termos desses glossários levaram-me a reconstituir as fontes da metalinguagem do ensino da tradução. Essa análise também levou-me a distinguir, por fim, quatro subgrupos de noções úteis, a meu ver, aos pedagogos da tradução.

Assim, veremos, ao longo deste estudo, quais manuais contêm um glossário e quais motivos levaram os autores a definir as principais noções usadas em suas obras. A terceira e última parte será consagrada à análise propriamente dita das noções.

Manuais com glossário

Raros são os estudos sistemáticos que trataram da metalinguagem da tradução em geral e, até agora, nenhum estudo foi exclusivamente consagrado à terminologia do ensino da tradução. No início dos anos 1980, Frank G. Königs assinou um longo artigo em alemão publicado em *Lebende Sprachen* sobre as “noções centrais da tradutologia”⁵ [*Zentrale Begriffe aus der wissenschaftlichen Beschäftigung mit Übersetzen*] (Königs, 1982-1984). Esse estudo terminológico não trata especificamente da metalinguagem do ensino da tradução, como tampouco o fazem, aliás, estes três outros trabalhos: *The Terminology of Translation*⁶, de Roda P. Roberts (1985: 343-352), *Glossaire de la théorie interprétative de la traduction et de l’interprétation*⁷, de Monique C. Cormier (1985: 353-359) e *Théorie du langage et théorie de la traduction. Les concepts-clefs de trois auteurs : Kade (Leipzig), Coseriu (Tübingen), Seleskovitch (Paris)*, de Colette Laplace (1994). Em 1997, foi publicado o *Dictionary of Translation Studies* de Mark Shuttleworth e de Moira Cowie. A ambição dos autores desse repertório “is to provide an overview of some of the issues, insights and debates in Translation Studies, inasmuch as these are reflected in the discipline’s terminology”⁸ (Shuttleworth; Cowie,

⁵ O autor define 50 termos gerais que, pertencentes à linguística diferencial e à teoria da tradução, foram retirados de diversos teóricos, tais como Bausch, Catford, Mounin, Newmark, Toury, Wilss, Nida, Reiss. Exemplos de termos definidos: análise composicional, tipologia de erros, invariante, recriação (poética), teste, tradução gramatical, traduzibilidade, transposição, tradução palavra por palavra.

⁶ O autor procede à análise da significação das palavras *meaning* e “sentido” em trabalhos de diversos pesquisadores dos Estudos da Tradução.

⁷ “O presente glossário inclui os principais termos utilizados na teoria interpretativa da tradução e da interpretação elaborada por Danica Seleskovitch e a equipe de pesquisadores da ÉSIT, na Universidade Paris III/Sorbonne Nouvelle. O glossário tem a intenção de precisar certas noções fundamentais para pesquisadores que se interessam por essa teoria” (Cormier, 1985: 353).

⁸ “[...] é oferecer um panorama de alguns temas, percepções e debates nos Estudos da Tradução, na medida em que se refletem na sua terminologia” (tradução nossa).

1997: ix). Essa obra abriga todo o campo dos Estudos da Tradução e não se volta especificamente para o ensino prático. Os termos recenseados pertencem a todas as correntes de pensamento que marcaram a reflexão teórica sobre a tradução durante as quatro últimas décadas. Essa obra de referência certamente facilitará a leitura dos artigos e das obras produzidas por teóricos e historiadores de tendências diversas. Os seus usuários encontrarão, por exemplo, a definição de termos como *architranseme*, *bilingual corpora*, *close translation*, *covert translation*, *exegetical fidelity*, *hermeneutic motion*, *logeme*, *skopos theory* etc. Entretanto, esse dicionário não tem nenhuma utilidade real para o ensino prático da tradução. Também podem ser encontradas numerosas definições na *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (1998), organizada por Mona Baker. Essa enciclopédia não é útil para o ensino prático da tradução, como tampouco o é o dicionário de Shuttleworth e Cowie.

A minha pesquisa, por sua vez, foi orientada unicamente pelo vocabulário do ensino da tradução que provém dos manuais. Quis saber se os autores de manuais de tradução se preocupam com a terminologia, se eles integram à aprendizagem da tradução a assimilação de uma metalinguagem capaz de facilitar a aquisição desse saber prático e se eles procuram inculcar nos estudantes hábitos denominativos.

É preciso lembrar que a pedagogia, em geral, e que o ensino da tradução, em particular, não constituem a transmissão de um catálogo de receitas? Vimos que a pedagogia é fundamentalmente a busca pela adequação entre o ato de ensinar e os objetivos de aprendizagem pretendidos, objetivos esses que são definidos a partir das necessidades dos estudantes. Na concepção e na redação de um manual, pode-se observar a manifestação concreta desse desejo de adequação entre o ensino e a busca de objetivos de formação. Para realizar com eficácia esse ato de comunicação, que consiste em transmitir conhecimentos ou, no caso que nos ocupa, em desenvolver a aptidão para traduzir, é preciso dispor de uma metalinguagem, a fim de descrever a complexa operação de transferência interlinguística. Todo ensino da tradução repousa na análise, pois a prática da tradução implica inúmeras escolhas: a escolha da significação pertinente, a escolha da palavra precisa, a escolha da estrutura sintática apropriada, a escolha do bom registro, a escolha de boas articulações, a escolha do estilo, a escolha do tom a ser dado ao texto, as escolhas relacionadas aos destinatários etc. Segundo o historiador Marc Bloch, “toda análise, antes de mais nada, aspira por uma linguagem apropriada como instrumento, uma linguagem capaz de desenhar com precisão os contornos dos fatos e, ao mesmo tempo, de conservar a leveza necessária para se adaptar progressivamente às descobertas, vale dizer, por uma linguagem sem flutuações nem equívocos” (Bloch, 1993: 167). A esse propósito, parece ser sábio seguir o conselho de Blaise Pascal e “não empregar qualquer termo sem que seu sentido tenha sido claramente explicado antes” (Pascal, 1954: 577).

Como procedem os autores de manuais de tradução? Dos 88 títulos do *corpus*, apenas 16 contêm um glossário ou um vocabulário, ou seja, um sexto. Essa proporção não deixa de ser surpreendente. Os autores dos outros 72 manuais supõem que as noções necessárias à aprendizagem da tradução foram assimiladas? Estimam que é possível ensinar (e aprender) a

traduzir sem dispor de uma terminologia específica? Creem que a operação não é suficientemente complexa para justificar o recurso a termos especializados? Têm conhecimento desses termos? Pensam que não é possível produzir um discurso estruturado nos cursos práticos de tradução? Seria injusto responder a todas essas questões pela afirmativa.

Se bem que a grande maioria dos autores omite questões de ordem metalinguística, boa parte deles define termos-chave no corpo do seu manual, os quais, por vezes, são reunidos em um index. Autora de dois manuais, Beverly J. Adab (1994, 1996), por exemplo, sabe da importância da metalinguagem na formação de tradutores, mas nem por isso consagra a esse aspecto um objetivo distinto de aprendizagem. Nas páginas introdutórias do seu manual *Annotated Texts for Translation English-French*, ela escreve: “*We hope to help the student to develop the critical ability to judge the appropriateness of choices made, by a study of actual practice and by the introduction of certain basic terms of metalanguage which can be used to explain and identify the nature of such choices*”⁹ (Adab, 1996: 3).

A meu ver, o perigo de não fundar o ensino da tradução numa terminologia rigorosa é recair no impressionismo. Uma formação em nível universitário não pode se contentar com explicações vagas, como “não está correto”, “foi mal traduzido” e “é impreciso”, nem com comentários como “você pode aperfeiçoar” e “pense melhor”. Ensinar a traduzir não se reduz à correção de provas de estudantes, sem que uma reflexão preceda ou suceda os exercícios práticos de tradução realizados em classe ou fora dela. “Corrigir erros não é teorizar”, lembra com razão Marianne Lederer (1994: 9).

Concentremo-nos nos 16 manuais com glossário; dentre eles, seis manuais contêm 36 termos ou menos e outros quatro contêm mais de 120. O manual mais volumoso é o de Nida e Taber (1969), que possui 270 entradas, muitas das quais pertencem à gramática e à linguística geral e gerativa.

Até onde sei, *La Traduction: mode d’emploi* (1995), de Jean e Claude Demanueli (que contém um glossário analítico) é a única obra especificamente consagrada à metalinguagem do ensino da tradução, podendo ser vista, nas palavras dos próprios autores, como um “complemento possível” ao seu manual *Lire et Traduire* (1990). Retomando, à exceção de 13 entradas, todos os termos do “index de notions” desse manual, *La Traduction: mode d’emploi*, é de certa forma o prolongamento da reflexão terminológica iniciada em *Lire et Traduire*. Assim, nosso estudo desse glossário analítico é duplamente justificado. Os autores ressaltam que o seu glossário possui uma visada “prática e pedagógica” e delimitam o seu alcance nestes termos:

⁹ “Esperamos ajudar o estudante a desenvolver a habilidade crítica para julgar a adequação das escolhas feitas por meio do estudo da prática real e por meio da introdução de certos termos básicos da metalinguagem, que podem ser usados para explicar e identificar a natureza de tais escolhas” (tradução nossa).

A obra não é um dicionário voltado para a circunscrição de todo o domínio da metalinguagem da tradução, mas um guia-glossário que se propõe a esclarecer cerca de 140 termos ou expressões, cujo conhecimento pareceu ser indispensável a quem queira refletir sobre a atividade tradutória e assimilar uma terminologia tão coerente quanto possível, para conseguir dominar simultaneamente o ensino e a prática da tradução de e para o inglês. (Demanuelli; Demanuelli, 1995: contracapa)

Nos 16 manuais com glossário, foram contados 1.419 *termos*. No entanto, essa cifra é menos significativa do que o número de *noções*. Para contar as noções, foi preciso unificar as múltiplas ocorrências (o termo “adaptação”, por exemplo, foi utilizado oito vezes e “justaposição”, cinco vezes) e suprimir os sinônimos e variantes. Depois dessa redução, foram obtidas 838 noções, ou seja, em média de 50 noções por manual.

Por que um glossário?

Antes de proceder à análise sumária dessas mais de 800 noções que constituem a metalinguagem “bruta” do ensino da tradução ou, pelo menos, a metalinguagem presente no *corpus* estudado, parece-me interessante buscar conhecer as razões pelas quais os autores inseriram um glossário em suas obras. Essas razões são numerosas e revelam a utilidade desses repertórios para os seus autores. Precisemos que, ao propor um jargão forjado de maneira aleatória, nenhum deles busca “parecer erudito” (o que é uma virtude); ao contrário, todos poderiam ter retomado, por sua própria conta, o que escreveram em sua introdução os autores de *La Traduction: mode d’emploi*: “Não buscamos impor um discurso “científico” através de uma sequência de entradas mais ou menos herméticas, nem uma terminologia normativa qualquer através de definições mais ou menos originais. [...] A fórmula retida nos foi ditada pela intenção de esclarecer” (Demanuelli; Demanuelli, 1995: 1).

A razão mais comumente evocada pelos autores para justificar o acréscimo de um glossário é esclarecer o sentido técnico dos termos empregados em suas obras. Aliás, essa é a primeira utilidade de todo glossário. Essas definições também servem para “facilitar a leitura” das obras (Chuquet, 1990: 155, Demanuelli; Demanuelli, 1990: 231) e das notas e comentários de que são dotadas (Guivarc’h; Fabre, 1989: 11). Para Basil Hatim e Ian Mason, a metalinguagem permite proceder de maneira mais objetiva à análise e à crítica das traduções:

What can be done [para reduzir a parte de subjetividade da tradução] is to elaborate a set of parameters for analysis which aim to promote consistency and precision in the discussion of translating and translations. A common set of categories is needed and a set of terms for referring to them, a metalanguage for translation studies. It is one

*of our aims in this book to suggest a model of the translation process based on just such a set of categories*¹⁰. (Hatim; Mason, 1990: 5)

O domínio de uma metalinguagem coerente também é visto por numerosos autores como uma maneira de compensar a “prática instintiva da tradução”. Graças à metalinguagem, afirma Michel Ballard, é possível “objetivar processos, tomar consciência das diferenças, identificá-las e nomeá-las” (Ballard, 1992: 7). E acrescenta: “É pela nomeação e pelo uso de uma terminologia específica que se compreende e assimila um objeto de conhecimento e uma prática” (Ballard, 1992: 7). Geoffrey Vitale, Robert Larose e Michel Sparer reconhecem a mesma utilidade prática da metalinguagem, afirmando no prólogo de seu manual: “Utilizamos essa terminologia, uma versão simplificada da terminologia da estilística comparada [de Vinay e Darbelnet], na medida em que ela permite ao estudante delimitar clara e rapidamente um problema de tradução” (Vitale *et al.*, 1978: xii). Jean e Claude Demanueli também concentraram as noções definidas no seu glossário “nas necessidades terminológicas da atividade tradutória” (Demanueli; Demanueli, 1990: 231). Como os seus colegas, quiseram colocar à disposição dos professores e dos estudantes um arcabouço conceitual capaz de descrever o maior número possível de fatos linguísticos relacionados à transferência interlinguística, em particular, de obras literárias. Para além do esclarecimento de certas noções, os autores quiseram constituir um instrumento de análise precisa, permitindo resolver problemas de tradução específicos e recorrentes. No entanto, a sua ambição ultrapassa essas considerações pragmáticas. O seu glossário, e ainda mais *La Traduction: mode d’emploi*, tem como “objetivo tentar reunir as diferentes terminologias em curso e atualizar os recortes a serem operados durante a leitura de obras consagradas ao mesmo tema” (Demanueli; Demanueli, 1990: 231). É em parte pela mesma razão que um glossário de 186 termos figurava na primeira edição de *La Traduction raisonnée* (Delisle, 1993: 19-49). A segunda edição (2003) possui 238 termos. É interessante constatar que começa a se manifestar o desejo de reunir e ordenar diversas terminologias em uso e de colocar um pouco de ordem na casa terminológica do ensino da tradução. Como sustentar um discurso metódico sobre a prática da tradução e sobre a sua aprendizagem sem uma metalinguagem? Como fazer com que o estudante de tradução veja que há um método na maneira pela qual um texto é transposto de uma língua para a outra?

Enfim, os autores de manuais de introdução à tradução profissional (Horguelin, 1985; Bédard, 1986; Delisle, 1993, 2003) possuem uma razão suplementar para fundar o seu ensino numa terminologia rigorosa: essa terminologia é útil não apenas para o ensino, mas também para o exercício da profissão, facilitando a comunicação entre “iniciados” (por assim dizer),

¹⁰ “O que pode ser feito [para reduzir o papel da subjetividade na tradução] é elaborar um conjunto de parâmetros para a análise, cujo objetivo é promover a consistência e a precisão na discussão do traduzir e das traduções. Um conjunto comum de categorias é necessário, e um conjunto de termos para se referir a elas, uma metalinguagem para os Estudos da Tradução. Um dos nossos objetivos neste livro é sugerir um modelo para o processo tradutório baseado em um tal conjunto de categorias” (tradução nossa).

entre tradutores e entre tradutores e revisores. Paul A. Horguelin escreve o seguinte a esse respeito. Também se aplica ao tradutor o que ele diz do revisor, (que de fato é um tradutor experiente encarregado de revisar o trabalho de tradutores iniciantes e de completar a sua formação): “No curso de sua atividade profissional, o revisor é convocado a se relacionar regularmente com os tradutores que, como ele, são especialistas da linguagem. Assim, o revisor deve utilizar termos precisos para descrever as suas correções, redigir as suas anotações ou fazer as suas observações” (Horguelin, 1985: 107). Os 168 termos propostos no seu “Vocabulário do revisor” correspondem, para ele, “aos termos comumente empregados no exercício da profissão” (Horguelin, 1985: 107). Mas todos os tradutores da profissão dispõem, como os contadores, de uma metalinguagem comum para descrever os fatos linguísticos e tradutórios? Como observou Annie Brisset: “Pode-se qualificar de “profissional” um tradutor desprovido dos meios para falar em termos técnicos sobre o seu próprio ofício?” (Brisset, 1990: 239-240). Os professores e os aspirantes a tradutores, bem como os tradutores e revisores profissionais deveriam idealmente ser capazes de nomear os conceitos e os procedimentos associados à operação de tradução, “da mesma forma que qualquer técnico aprende o nome dos seus instrumentos e das operações que efetua” (Brisset, 1990: 239-240). Espera-se de um contador que saiba o que é um “balanço consolidado” e que seja capaz de produzi-lo. Esse termo possui, tanto como “ativo e passivo”, “amortização” ou “despesas essenciais”, mais ou menos a mesma significação para todos os membros da sua profissão (pelo menos no interior de um mesmo país). O mesmo não deveria acontecer, até certo ponto, com os tradutores? Eles não deveriam, todos, saber o que é um “acrécimo”, uma “correspondência”, uma “equivalência”, uma “permutação”, uma “criação discursiva” ou um “complemento cognitivo”? Um dos objetivos do ensino profissional é dotar os membros de uma profissão de um conjunto de conceitos operatórios, que possua mais ou menos a mesma significação para todos. É um dos aspectos pelos quais uma profissão se distingue do amadorismo e até mesmo do charlatanismo. Como se vê, a questão da metalinguagem da tradução vai além do quadro estritamente pedagógico e possui ramificações inclusive no domínio do reconhecimento profissional.

Pode-se encontrar de forma sintética, na seção seguinte, os motivos que, evocados pelos autores para acrescentar um glossário ao seu manual, comprovam a importância que eles conferem à metalinguagem.

Análise sumária das noções

Toda disciplina, todo campo de atividade e todo domínio de conhecimento possui a sua própria terminologia. O ensino da tradução não é exceção. A sua metalinguagem registra, discrimina, analisa, combina, classifica e ordena as noções e os fatos, os processos, os métodos, as regras, os princípios e as leis úteis para ensinar e aprender a traduzir. Uma metalinguagem é um discurso racional sobre um objeto de estudo circunscrito. Toda ciência é, primeiramente, uma linguagem bem constituída. Se a sua metalinguagem for suprimida, a

ciência não existe mais. Para existir, ela precisa se encarnar em conjuntos de noções estruturadas e coerentes. Essa exigência também vale para a tradução e o seu ensino.

Aliás, uma metalinguagem não pode funcionar independentemente da linguagem corrente. Certos termos pertencem, ao mesmo tempo, à metalinguagem e à língua nas quais foram criados. Em pedagogia, é esse o caso da tradução dos termos “composição”, “categoria”, “articulação”, “abordagem”, “economia”, “servidão”... O conjunto dos termos pertencentes a um domínio especializado forma uma linguagem especializada. Em *Language Engineering and Translation: Consequences of Automation*, Juan C. Sager retoma, modificando-a levemente, a definição de *special languages* (“linguagens especializadas”), proposta, em 1980, em *English Special Languages* (obra redigida em colaboração com David Dungworth e Peter F. McDonald): “*Special languages are semi-autonomous, complex semiotic systems based on and derived from general language: their use presupposes special education and is restricted to specialists for conceptualization, classification and communication in the same or closely related fields*”¹¹ (Sager, 1994: 44).

Tabela I: Motivos para a inclusão de um glossário nos manuais

1. Precisar a acepção particular dos termos técnicos empregados.
2. Facilitar a leitura dos manuais (exposições, notas e comentários).
3. Se opor à prática instintiva da tradução.
4. Fundar o ensino sobre uma terminologia precisa.
5. Facilitar a aprendizagem da tradução.
6. Produzir um discurso estruturado sobre a prática da tradução.
7. Dispor de um instrumento de análise precisa.
8. Objetivar processos, operações e estratégias de tradução.
9. Delimitar claramente as dificuldades de tradução.
10. Nomear as operações e as dificuldades de tradução.
11. Reunir diferentes terminologias em uso no ensino da tradução.
12. Propor uma terminologia utilizável pelo conjunto dos pedagogos da tradução.
13. Facilitar os recortes ao ler obras consagradas ao ensino da tradução.
14. Dotar os futuros tradutores profissionais de uma terminologia especializada que seja útil na prática cotidiana de sua profissão, sobretudo facilitando a comunicação entre eles.

Fonte: o autor.

A metalinguagem do ensino da tradução corresponde a essa definição: trata-se de fato de uma linguagem “semiautônoma” formada de palavras da “língua comum”; a sua aquisição necessita de uma “formação” específica, é utilizada pelos “especialistas” da tradução

¹¹ “As linguagens de especialidade (ou linguagens especializadas) são sistemas semióticos semiautônomos e complexos baseados na linguagem geral e derivados dela: o seu uso pressupõe uma formação especializada e é limitado aos especialistas a conceituação, classificação e comunicação no mesmo campo ou em campos relacionados” (tradução nossa).

(professores, estudantes, tradutores, revisores), torna possível a “conceitualização” do domínio e a “classificação” (entre professores e estudantes e entre tradutores profissionais). Quase todos os elementos dessa definição figuram na Tabela I da página precedente, na qual são enumerados os motivos de inclusão de um glossário nos manuais de tradução.

A metalinguagem do ensino da tradução é, em grande medida, constituída por empréstimos da linguagem comum, mas também se nutre enormemente de outras fontes. Seria um erro acreditar na sua “virgindade epistemológica”, para retomar uma imagem de Jean-René Ladmiral (1986: 34). Com efeito, o exame das noções que compõem os 16 glossários formando um subconjunto do *corpus* revela, com clareza, que essa linguagem especializada empresta os seus termos, em proporções variáveis, da linguística (geral, diferencial, textual), da teoria da tradução, da gramática geral, da retórica, das técnicas de redação; ela também empresta alguns termos da pedagogia geral e das disciplinas auxiliares da tradução, como da documentação e da terminologia. Como a tradução não é uma atividade fechada, a sua metalinguagem é necessariamente eclética: ela é formada por empréstimos interdisciplinares. Mas as criações dos autores também são numerosas.

Ao empreender este estudo, pensava poder extrair dos glossários um núcleo substancial de noções correspondentes à terminologia “fundamental” do ensino da tradução. Para a minha enorme surpresa, esse “tronco comum” não parece existir. Apenas 38 noções de 838 (mínimos 4,5%) figuram em cinco glossários. Como era fácil prever, os termos descrevendo os famosos “procedimentos de tradução” de Vinay e Darbelnet ocupam um lugar especial nessa lista. De fato, das 38 noções, 23 provêm do glossário da *Stylistique comparée du français et de l'anglais* (Vinay; Darbelnet, 1958). As 11 noções mais frequentes (9, 10 e 11 ocorrências) são as seguintes: anáfora, conotação, contexto, dêitico, equivalência, acréscimo, falso(s) cognato(s), modulação, registro de linguagem, transposição e unidade de tradução. A Tabela II, a seguir, oferece uma lista das 38 noções mais frequentemente definidas nos glossários.

Tabela II: Noções mais frequentes nos glossários

Ordem alfabética		
acréscimo	derivação	nível linguístico
adaptação	discurso	nominalização
anáfora	elipse	permutação
animismo	empréstimo	polissemia
aspecto	equivalência	processo
falso(s) cognato(s)		referente
colocação	genérico	registro
compensação	justaposição	signo linguístico
condensação	lacuna	situação
conotação	metáfora	sobretradução
contexto	modulação	sintagma

decalque dêitico denotação		transposição unidade de tradução tradução literal
Ordem de frequência (número de ocorrências entre parênteses)		
(11) falso(s) cognato(s) modulação transposição	(8) adaptação aspecto sintagma	processo referente signo linguístico sobretradução
(10) contexto dêitico unidade de tradução	(7) permutação colocação denotação discurso elipse empréstimo nominalização situação	(5) animismo decalque compensação condensação derivação genérico justaposição lacuna
(9) anáfora conotação equivalência acréscimo nível linguístico	(6) metáfora polissemia	registro tradução literal

Fonte: o autor.

Noções tão importantes em tradução como “coerência”, “complementos cognitivos”, “destinatários”, “fidelidade”, “procedimento de transferência”, “sentido” (o objeto propriamente dito da operação), “tradução” ou “interpretação do sentido” (a operação ela mesma) são definidas apenas em dois ou três glossários. Isso é impressionante. É capital, a meu ver, que um autor defina claramente a sua concepção de “tradução”, por exemplo, pois a maneira pela qual ele encara esse processo mental condiciona a sua abordagem pedagógica, incide diretamente no conteúdo de seu ensino e determina uma boa parte da metalinguagem que ele utilizará.

Aliás, um glossário consagrado ao ensino da tradução deve incluir termos tão usuais como “adjetivos qualificativos”, “advérbio”, “conjunção”, “lapso”, “aspas”, “itálicos”, “maiúsculas”, “nome”, “sinal”, “grifo”, “símbolo” e “verbo”? Esses termos correntes não pertencem à linguagem *especializada* da aprendizagem da tradução. Para a terminologia do ensino prático da tradução, convém dotar-se da regra aplicada pelos autores do *Dictionary of Translation Studies*: “Non-Translation Studies terms have been kept to a minimum in order to be able to devote as much space as possible to terminology specific to the study of

translation”¹² (Shuttleworth; Cowie, 1997: ix). Desse modo, será possível evitar que a terminologia própria do subcampo do ensino prático da tradução seja asfixiada pela terminologia da linguística geral, da gramática e mesmo dos outros subcampos dos Estudos da Tradução.

Evidentemente, cada autor é livre para incluir no seu glossário os termos que ele julgar úteis. Ele também pode (e muitos não se privam de) criar os seus próprios termos com a intenção de limitar o uso ao seu manual e de enriquecer, eventualmente, a metalinguagem do ensino da tradução. Nesse segundo caso, esses neologismos serão submetidos às sutis leis da aceitação das criações lexicais. Para se impor junto aos pedagogos da tradução, os neologismos deverão em todo caso receber a sanção da maioria deles. A proliferação desordenada dos ‘vocabulários artesanais’ é sempre uma fonte de babelismo e um mal endêmico de que certas disciplinas padecem.

Duvido muito que o termo *iceberg* (que Peter Newmark define da seguinte maneira no seu glossário: “*All the work involved in translating, of which only the ‘tip’ shows*”¹³ (Newmark, 1988: 283) tenha qualquer chance de se impor. O mesmo ocorre com a expressão “‘*house-on-hill’ construction*” (“construção casa-na-colina”), que serve para designar o acréscimo de uma preposição (*the plot against him*: “o complô **urdido** contra ele”) (Newmark, 1988: 283). O que pensar da palavra “acinèse” (“acinése”) que, emprestada por Henri Van Hoof da linguagem médica, é definida assim: “A ausência ou a privação do movimento; termo empregado aqui para descrever a tendência do francês a utilizar como auxiliares estáticos certos verbos de ação ou de movimento?” (Ex.: “*Don’t you believe it! Não vai acreditar nisso!*”) (Van Hoof, 1986: 67; 297). Um último exemplo é o termo “*chosocentricité*” (“coisocentricidade”) que, criado por Claude Bédard, é definido assim: “Ponto de vista orientado essencialmente para o universo das coisas, excluindo o universo humano” (Bédard, 1986: 156; 245). Na linguagem técnica, o passivo seria a manifestação por excelência dessa “coisocentricidade”.

Examinando as 838 noções recenseadas, pode-se dizer que a grande maioria das noções linguísticas serve para descrever as línguas e o resultado do processo da tradução de uma perspectiva comparativista tradicional e que os autores dão relativamente pouco espaço para termos que descrevem os múltiplos aspectos do processo da tradução apreendidos *antes* do postulado de uma equivalência. Apenas dois autores (Ballard *et al.*, 1988; Delisle, 1993) distinguem em seu glossário entre as entradas remetendo a noções linguísticas e as entradas indicando uma operação específica de tradução. Em seu glossário, Michel Ballard indica as primeiras em itálico e as últimas em negrito. Quanto a mim, classifiquei as noções por temas e as reparti em diversas tabelas, de modo a reuni-las logicamente e extrair as suas relações hierárquicas (Delisle, 1993: 53-59).

¹² “Termos que não pertencem aos Estudos da Tradução foram reduzidos ao mínimo com a finalidade de permitir que a terminologia específica ao estudo da tradução recebesse o maior espaço possível” (tradução nossa).

¹³ “A tradução é como um iceberg: só se vê a ponta, mas o trabalho de verdade está na parte submersa.” (tradução nossa).

Devemos constatar que, se eles forem julgados pelo “silêncio metalinguístico”, a maioria dos autores dos manuais não parece dar importância prioritária à terminologia do seu domínio de especialidade. Entretanto, algumas exceções notáveis levam-me a crer que a situação começa a mudar e que um número cada vez maior de autores toma consciência da importância desse aspecto da pedagogia da tradução. A prova disso é que, dos 16 manuais publicados no curso dos últimos dez anos, dez deles contêm um glossário. Aliás, não constatee diferença significativa entre a metalinguagem empregada no ensino da tradução didática e a metalinguagem da tradução profissional. Essas duas formações não parecem demandar terminologias diferentes. Quando muito, pode-se notar nos manuais ou livros didáticos de e para a língua estrangeira uma propensão maior a *descrever* as línguas e a *classificar* pares de correspondências ou de equivalências por meio de categorias da linguística diferencial. Dos 16 autores que se interessaram mais de perto pela metalinguagem, ainda que em graus diferentes, é preciso dizer (certas listas somam no máximo 15 termos) que não parece haver muito lugar em seus trabalhos para um “consenso” quanto às noções que constituem o vocabulário fundamental do ensino da tradução. Quinze termos bastam para descrever uma operação tão complexa quanto a tradução e satisfazer as exigências do seu ensino? Que me seja permitido duvidar. A grande maioria dos 1.419 termos possuem apenas 1 ou 2 ocorrências no *corpus* analisado. Estamos claramente na presença de uma terminologia “jovem” e “dispersa”, isto é, de uma terminologia “em vistas de constituição”, que balbucia hesitante, por assim dizer, a fim de apreender o seu objeto de estudo. A observação de Mark Shuttleworth e Moira Cowie na introdução de seu dicionário sobre a metalinguagem da tradução também se aplica à terminologia do ensino prático da tradução: “*Translation Studies have been enriched by dint of possessing [...] a multi-faced nature. However, at the same time this very nature has meant that there is still considerable lack of agreement on the irreducible minimum of concepts which should form the foundation on which to build*”¹⁴ (Shuttleworth; Cowie, 1997: vi).

Em todo domínio especializado, a frequência não é o único critério da pertinência de um termo. Com efeito, em linguagem especializada, todo termo possui a sua razão de ser, se ele responde a uma necessidade de designação de um conceito, de uma operação ou de um resultado. Entretanto, se considerações de ordem pedagógica intervirem, parece-me que é possível fundar o ensino da tradução (especialmente no estágio introdutório) sobre um número relativamente restrito de noções centrais. São 100, 150 ou 200? É difícil dizê-lo. Uma quinzena de noções é certamente muito pouco, mas mais de 300 me parece ser muito. Quanto a 838, já é Babel, a vertigem da confusão... Seja qual for o número mínimo de noções em torno do qual o acordo possa ser feito, será imperativo delimitar bem cada um deles e defini-los claramente. Pode-se desejar também que as noções sejam utilizáveis na ótica de um ensino

¹⁴ “Os Estudos da Tradução se beneficiaram de sua natureza multifacetada. No entanto, é justamente por essa característica que ainda falta um consenso significativo sobre o conjunto mínimo e essencial de conceitos que deveriam servir de base para o campo” (tradução nossa).

racional da tradução, vista como uma *operação dinâmica de manejo da linguagem* e não apenas como a descrição *a posteriori* de correspondências externas ao discurso ou como a catalogação de equivalências.

No fim das contas, ensinar a traduzir é ensinar os aspirantes a tradutores a lerem os textos originais com os olhos de tradutor: numa primeira etapa, é preciso ser capaz de *identificar* (isolar e reconhecer) a dificuldade a superar, depois poder *nomeá-la* e, enfim, poder *resolvê-la*, sabendo precisar, conforme a necessidade, o procedimento de transferência utilizado (acréscimo, decalque, permutação, recategorização etc.). As duas primeiras etapas desse processo situam-se *antes* do estabelecimento das equivalências de tradução e necessitam o conhecimento de uma terminologia especializada para fazer uma tradução racional. Vejamos como isso acontece por meio de alguns exemplos.

Exemplo 1 *Mortgage loans **jumped by** \$ 883 million to \$ 17.3 billion.*
Noções úteis: Verbos de progressão e de realização / Acréscimo
Tradução: Os empréstimos hipotecários *saltaram de* 883 milhões de dólares *para atingir* 17,3 bilhões.

Exemplo 2 *Statistics can show **how and where** women workers are employed.*
Noção útil: Acréscimo
Tradução: Graças às estatísticas, pode-se determinar [os setores de atividade] onde trabalham as mulheres e o tipo de trabalho que elas ocupam. [As palavras entre colchetes podem ser omitidas.]

Exemplo 3 *Not to be taken away from **this area**.* (Menção sobre a capa de um documento.)
Noções úteis: Dêitico demasiadamente atualizador / Equivalência
Tradução: A ser consultado no local.

Exemplo 4 *The university decides **to economize** the department **out of** existence.*
Noções úteis: Estrutura resultativa / permutação
Tradução: A Universidade *fecha* o departamento para *realizar economias*.
[Var. A Universidade *fecha* o departamento *para contenção de gastos*.]

Exemplo 5 *The warranty period is limited to twelve months or 20,000 km from warranty registration date, **whichever occurs first**.*
Noções úteis: Disjunção exclusiva / Reestruturação

Tradução: O veículo está assegurado por um período de 12 meses a partir da data de registro da garantia ou por 20.000 km, *se atingir essa quilometragem antes de 12 meses.*

A metalinguagem do ensino da tradução comporta quatro subconjuntos de termos: a) fatos da língua, b) transferência interlinguística, c) pedagogia, d) e disciplinas conexas. Os dois primeiros são de longe os mais importantes. A Tabela III oferece as subdivisões desses quatro subconjuntos e propõe para cada um deles dois termos a título de exemplo.

Tabela III: Subconjuntos da metalinguagem do ensino da tradução

A - Termos relativos aos fatos de língua

1. Linguística geral (colocação, dêitico)
2. Linguística diferencial (concentração, diluição)
3. Gramática (adjetivo de relação, articulação)

B - Termos relativos à transferência interlinguística

1. Plano teórico
 - a) Processo cognitivo (interpretação, desverbalização);
 - b) Tipos de equivalências (correspondência, equivalência).
2. Plano comparativo
 - a) Procedimentos de transferência (permutação, compensação)
 - b) Estratégias de tradução (adaptação, tradução literal)
 - c) Aspecto qualitativo (fidelidade, perda)
3. Plano redacional
 - a) Técnicas de redação (concisão, despersonalização)
 - b) Discurso (coerência, registro)
 - c) Retórica (questão retórica, metáfora)

C - Termos relativos à pedagogia

1. Noções gerais (objetivo de aprendizagem, correção)
2. Categorias de erros
 - a) Erros de tradução (contrassenso, omissão)
 - b) Erros de língua (repetições abusivas, zeugma)

D - Termos pertencentes às disciplinas conexas

1. Documentação (auxílio de tradução, dicionário de tradução)
2. Terminologia (banco de dados terminológicos, linguagem de especialidade)

Fonte: o autor.

Em suma, a metalinguagem do ensino da tradução é, sem dúvida, uma especialização funcional da linguagem, pois implica a transmissão de uma informação oriunda de um campo particular de experiência, qual seja, a transmissão de um saber prático: a aptidão para

traduzir. A utilização de uma metalinguagem rigorosa e operacional nos manuais e nas salas de aula é, a meu ver, o melhor antídoto contra os “métodos” de ensino demasiadamente intuitivos e impressionísticos. Ela é um meio de comunicação indispensável entre professores e estudantes e, ao mesmo tempo, uma garantia de eficácia pedagógica.

Epílogo

Este estudo sobre a metalinguagem do ensino da tradução permitiu a formação de um grupo de trabalho interuniversitário composto por 20 terminólogos e pedagogos da tradução. Essa equipe internacional, que incluía colaboradores de 8 países,¹⁵ propôs 200 termos fundamentais para o ensino da tradução numa obra quadrilíngue: *Terminologie de la traduction/ Translation Terminology/ Terminología de la traducción/ Terminologie der Übersetzung* (Delisle *et al.*, 1999). Essa publicação também foi realizada em árabe, finlandês, galês, italiano, holandês, polonês e russo e, no momento em que essas linhas são escritas, outras traduções estão em curso, especificamente em coreano, chinês e japonês. É um primeiro passo em direção a uma harmonização ou uniformização desejável do vocabulário do campo.

Referências

ADAB, Beverly J. **Annotated Texts for Translation, French-English.** Clevedon/Philadelphie/Adélaïde: Multilingual Matters, 1994.

ADAB, Beverly J. **Annotated Texts for Translation, English-French.** Clevedon/Philadelphie/Adélaïde: Multilingual Matters, 1996.

BAKER, Mona. (Ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies.** London/New York: Routledge, 1998.

BALLARD, Michel; BLARY, Liliane; CARPENTIER, Godeleine; JACQUIN, Danielle; SOLARD, A.; VRECK, F.; WOOD, M. Textes, Traductions, Commentaires, Enseignement Supérieur. **Manuel de version anglaise.** Paris: Nathan, 1988.

BALLARD, Michel. **Le Commentaire de traduction anglaise.** Paris: Nathan, 1992.

BÉDARD, Claude. **La Traduction technique. Principes et Pratique.** Montréal: Linguattech, 1986.

BLOCH, Marc. **Apologie pour l’histoire ou Métier d’historien (1952).** Édition critique préparée par Etienne Bloch. Préface de Jacques Le Goff. Paris: Armand Colin, 1993.

¹⁵ Alemanha, Canadá, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Suíça e Venezuela.

BRISSET, Annie. La théorie: pour une meilleure qualification du traducteur. **Les Acquis et les Défis**, actes du 2e congrès du Conseil des traducteurs et interprètes du Canada. Publiés sous la direction de Monique C. Cormier. Montréal: CTIC, 1990, p. 239-240.

CHUQUET, Hélène. **Pratique de la traduction, anglais-français**. Paris: Ophrys, 1990.

CORMIER, Monique C. Glossaire de la théorie interprétative de la traduction et de l'interprétation. **Meta**, Montréal, vol. 30, n° 4, p. 353-359, 1985.

DELISLE, Jean. **La Traduction raisonnée**: Manuel d'initiation à la traduction professionnelle de l'anglais vers le français. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 1993. (coll. Pédagogie de la traduction», n° 1)

DELISLE, Jean; LEE-JAHNKE, Hannelore. **Enseignement de la traduction et traduction dans l'enseignement**. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 1998, p. 185-242.

DELISLE, Jean; LEE-JAHNKE, Hannelore; CORMIER, Monique. **Terminologie de la traduction/ Translation Terminology/ Terminología de la traducción/ Terminologie der Übersetzung**. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 1999. (coll. "Coleção FIT", n° 1)

DELISLE, Jean; RENÉ, Alain. **La Traduction raisonnée**: Manuel d'initiation à la traduction professionnelle de l'anglais vers le français, méthode par objectifs d'apprentissage. Ottawa: University of Ottawa Press, 2003.

DEMANUELLI, Jean; DEMANUELLI, Claude. **Lire et Traduire**. Paris: Masson, 1990.

DEMANUELLI, Jean; DEMANUELLI, Claude. **La Traduction**: mode d'emploi. Glossaire analytique. Paris: Masson, 1995. (coll. « Langue et civilisation anglo-américaines »)

GUIVARC'H, Paule; FABRE, Catherine. **A Companion to Economic Translation**. Paris: Masson, 1989.

HATIM, Basil; MASON, Ian. **Discourse and the Translator**. Londres/New York: Longman, 1990.

HORGUELIN, Paul A. **Pratique de la révision**. Montréal: Linguatex, 1985.

KÖNIGS, Frank G. Zentrale Begriffe aus der wissenschaftlichen Beschäftigung mit Übersetzen. **Lebende Sprachen**, vol. 27, n° 4, p. 145-150; vol. 28, n° 1, 1983; n° 4, p. 154-156; vol. 29, n° 2, 1984, p. 57-59; n° 4, p. 153-156, 1982-1984.

LADMIRAL, Jean-René. Sourciers et ciblistes. **Revue d'esthétique**, Toulouse, n° 12, p. 33-42, 1986.

LAPLACE, Colette. **Théorie du langage et Théorie de la traduction. Les concepts-clefs de trois auteurs: Kade (Leipzig), Coseriu (Tubingen), Seleskovitch (Paris)**. Paris: Didier Érudition, 1994. (coll. « Traductologie », n° 8)

LEDERER, Marianne. **La Traduction aujourd'hui. Le modèle interprétatif**. Paris: Hachette, 1994. (coll. F/Références)

NEWMARK, Peter. **A Textbook of Translation**. New York: Prentice-Hall, 1988.

NIDA, Eugène; TABER, Charles R. **The Theory and Practice of Translation**. Leiden: E.J. Brill, 1969.

PASCAL, Blaise. De l'esprit géométrique et de l'art de persuader (1654). In: PASCAL, Blaise. **Œuvres complètes**. Paris: Gallimard, 1954. (coll. « Bibliothèque de la Pléiade »)

ROBERTS, Roda P. The terminology of translation. **Meta**, Montréal vol. 30, n° 4, p. 343-352, 1985.

SAGER, Juan C. **Language Engineering and Translation: Conséquences of Automation**. Amsterdam/ Philadelphie: John Benjamins, 1994. (coll. Benjamins Translation Library, n° 1)

SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. **Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction**. Paris: Didier/Beauchemin, 1958.

VITALE, Geoffrey; TON. That Thien; sparer, Michael; LAROSE, Robert. **Guide de la traduction appliquée**. Tome 1: Version, Paris/ Montréal, Librairie Vuibert / Presses de l'Université du Québec, 1978.